

# Sexualidad, Salud y Sociedad

REVISTA LATINOAMERICANA

ISSN 1984-6487 / n.11 - ago. 2012 - pp.122-154 / Pocahy, F. / [www.sexualidadsaludysociedad.org](http://www.sexualidadsaludysociedad.org)

## **“Vem meu menino, deixa eu causar inveja”: ressignificações de si nas transas do sexo tarifado**

### **Fernando Pocahy**

Doutor em Educação  
Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Psicologia,  
Universidade de Fortaleza – UNIFOR  
Fortaleza, Brasil

> [pocahy@uol.com.br](mailto:pocahy@uol.com.br)

**Resumo:** Este texto refere-se a representações do corpo, gênero e sexualidade a partir de cenas de amor romântico explicitamente tarifadas, envolvendo homens idosos e jovens garotos de programa, frequentadores de um bar “gay” na cidade de Porto Alegre, Brasil. Essas experiências de sociabilidade permitem produzir uma análise sobre a interseccionalidade entre gênero e idade. As cenas que apresentamos aqui possibilitam compreender relações de poder em torno das formas de regulação da vida que se interseccionam com as “marcas” e as “habilidades” do corpo, a raça, a “orientação sexual”, a classe social e a masculinidade, no contexto de relações sociais abertamente monetarizadas. Baseado numa aproximação etnográfica, este trabalho sinaliza que, mesmo que os sujeitos implicados nesses jogos de poder não tenham a intenção de produzir uma crítica à norma em questão, as cenas performatizadas nesses espaços de sociabilidade parecem produtivas para compreender a hetero e a homonormatividade como regimes discursivos.

**Palavras-chave:** corpo; gênero; envelhecimento; homoeroticidade; performatividade

**“Ven aquí, muchachito, que quiero dar envidia”.**

**Resignificaciones de sí en las transas del sexo tarifado**

**Resumen:** Este texto refiere a representaciones de cuerpo, género y sexualidad, a partir de escenas de amor romántico tarifadas explícitamente, que involucran a hombres ancianos y jóvenes taxi boys, frequentadores de un bar gay en la ciudad de Porto Alegre, Brasil. Estas experiencias de sociabilidad permiten producir un análisis sobre la interseccionalidad entre género y edad. Las escenas que se presentan aquí posibilitan comprender relaciones de poder en torno de las formas de regulación de la vida, que se intersectan con las “marcas” y “habilidades” del cuerpo, la raza, la “orientación sexual”, la clase social y la masculinidad, en el contexto de relaciones sociales abiertamente monetarizadas. Basado en una aproximación etnográfica, este trabajo señala que aunque los sujetos implicados en los juegos de poder mencionados no tengan intención de producir una crítica a la norma en cuestión, las escenas performatizadas en dichos espacios de sociabilidad parecen productivas para comprender la hétero y la homonormatividad como regímenes discursivos.

**Palabras clave:** cuerpo; género; envejecimiento; homoeroticidad; performatividad

**“Come over here, boy! Let me amaze you!”**

**Self reinterpretation in the frame of tariffed sex**

**Abstract:** This article is about representations of body, gender and sexuality in explicitly “romantic paid love” scenes involving older men and young male prostitutes or sex workers in a gay bar in Porto Alegre, Brazil. These experiences of sociability allowed us to produce an analysis of the intersectionality between gender and age. The scenes presented here help us to understand some of the power relationships involved in forms of regulation which interweaves “marks and abilities” of the body, race, “sexual orientation”, social class and masculinity, in a context of openly monetized social relations. Based on an ethnographic approach, this work indicates that, while the subjects involved in these power games have no intention of producing a critique of the rule in question, the scenes performed in these spaces of sociability help us to understand heteronormativity, as well as homonormativity as discursive regimes.

**Keywords:** body; aging; gender; homoeroticism; performativity

## “Vem meu menino, deixa eu causar inveja”:<sup>1</sup> ressignificações de si nas transas do sexo tarifado

*Prazer/Fruição: terminologicamente isso ainda vacila, tropeço, confundo-me. De toda maneira, haverá sempre uma margem de indecisão: a distinção não será origem de classificações seguras, o paradigma rangerá, o sentido será precário, revogável, discurso será incompleto (Barthes, 2006:8).*

À memória de Cândido,  
interlocutor e amigo de bar.

O relógio marca 21 horas no congelado e úmido inverno de Porto Alegre. No interior de um antigo casarão, plantado em uma das estreitas ruas escuras que cruzam a insone e nervosa Avenida Farrapos – zona histórica no cenário de prostituição na cidade – uma figura de mulher é conduzida sob aplausos calorosos. Seus passos são lentos e suaves, revelando os “limites” corporais da velha dama. Os gritos da clientela, em que se sobressaem vozes masculinas, anunciam: ela é Marlene, a grande dama setuagenária da noite LGBT porto-alegrense. A personagem criada pelo ator Teobaldo (48 anos) veste nesta noite um vestido longo colado ao corpo, forjando em espumas uma desenhada silhueta. Um colar de pérolas descansa sobre o seu colo magro. Os ombros ossudos, à mostra, deixam um levíssimo ar de sensualidade. As luvas longas de cetim barato são contornadas por um bracelete perolado no lado esquerdo, ensaiando glamour descascado. A maquiagem de teatro faz avolumada e ondulada a boca em tom chocolate. A pele do rosto de Marlene é coberta por uma densa pasta branca, reportando a face enigmática a um estilo de beleza distante – como aquela da longínqua esté-

---

<sup>1</sup> As entradas das seções do texto estão sendo informadas com excertos de letras de músicas interpretadas pelo artista transformista que realiza performances no bar que integra parte da pesquisa aqui apresentada. O primeiro extrato, no título do trabalho, é “Mudança dos ventos”, canção gravada por Nana Caymmi. As músicas inserem aqui elementos importantes no exercício de compreensão das pedagogias de gênero e de sexualidade (Louro, 2000) acionadas/ produzidas no espaço analisado. Entre as músicas mais executadas estão “Te amar é tão bom”, interpretada por Adriana; “L’Hymne à l’amour”, de Edith Piaf; “As aparências enganam aos que odeiam e aos que amam”, por Elis Regina; o *hit pop* sertanejo “O amor não deixa”, de Vanessa Camargo; e “Sonho por Sonho”, de Leandro e Leonardo.

tica renascentista fabricada a pó de arroz ou carbonato de chumbo, conservando o rosto belo e fresco. A peruca preta em corte atual rasga a linha temporal da maquiagem, contornando em pontas desordenadas o semblante maduro. Uma pequena pinta também é desenhada com lápis delineador na face esquerda, para deixá-la mais sexy. O corpo da diva palpita e o compasso da senhora “bricolada” se demora pelo corredor estreito, cercado de mesas de plástico brancas, cobertas por toalhas de barato tecido vermelho.

Na plateia, um público aplicado: casais de senhores com seus jovens garotos “deliram” com a performance do clássico romântico: “Hino ao amor”. Os braços frágeis da velha senhora rasgam o ar, dramatizando em punho cerrado a dor de um amor impossível. Ela “fecha” a cena com um agonizante “dane-se o mundo”, fazendo soarem as últimas palavras de Edith Piaf, a “glória do gênero”. A representação de uma diva inspirada nas cantoras dos anos loucos, aquelas que confessavam em forte canto “a submissão ao seu homem” (Vigarello, 2006), faz explodir em aplausos agitados das mãos dos velhos senhores, muitos também septuagenários, que se apressam em não deixar o seu jovem “noivo” escapar. Assobios e uma gritaria excitada acompanham os muitos risos divertidos e “ingênuos” dos garotos de programa, incrementando a trilha sonora da noite que oferece um pacote de amor por uma moderada tarifa. Com a palavra, a dama “chique” e “baixa”, que tem a graça de fazer “rir de si mesmo”, deixando escapar na “microfonia” não raros ruídos normativos:

Olha, como tem cabeleireiro aqui, hoje! Pediram vale no Instituto?<sup>2</sup> Olha [Marlene arrasta a palavra], meus amigos da Estética Mara. Cada vez mais liso o cabelo de vocês, né?! Eu conheci elas, elas tinham um cabelo, olha, cabelo ruim, cabelo ruim, como se fala, né? Estão lisas! Depois desse ponto começa a cair. Porque agora é tanto formol, tanto formol, tanto formol na Estética Mara. Eles têm uma vaca que lambe os clientes assim, para ficar liso. Olha, pediram para mim para ficar feia, o Oscar, o proprietário, e o Jorge, pediram para mim para ficar feia, porque, se eu venho bonita, vocês ficam chocadas, né? Eu sei como é, eu sei como é difícil para vocês verem alguém bela... na vida. Então, eu vim o mais feia que pude. E, assim mesmo, olha, tá difícil o negócio. Olha essa mesa!, coisa linda essa mesa aqui, lembra muito um bingo que tinha ali na Azenha – o bingo Roma. [...] Isso mesmo, então, todo mundo que não casou, por favor, case! Os meninos estão jogando sinuca, aliás, né, o negócio, se vocês virem que os meninos não tão olhando para vocês,

---

<sup>2</sup> Salão de beleza.

se fantasiem de caçapa. [passa um rapaz e Marlene comenta:] Ui, adoro perigo! Coisa boa, ai, aqueles que tu leva pra casa, assim, deixa a chave na porta e acorda levitando, levaram até a cama. Não [arrastando a palavra], os boys daqui são todos garantidos, todos têm segurança! Se acontecer de você não querer levar o boy para os quartos aqui do Bar, levar para casa e ele te fizer a “Elza”,<sup>3</sup> é só chegar para o Ricardo no outro dia e falar: Ricardo, ele me roubou. Com certeza o Alexandre vai dizer pra ti: te fode, bicha. [gargalhadas da plateia]. Apesar de que aqui ninguém nunca roubou, nenhum boy rouba aqui, né? [acento duvidoso]. Porque eles vêm aqui, vêm, vão para os quartos, e daqui eles vão seguindo o caminho deles, depois eles vão para o Indis, pro Butekos, pra Sexxy, pra Vila Santa Terezinha, depois voltam para a Sexxy,<sup>4</sup> depois para a Vila Santa Terezinha e, de novo, para a Sexxy, para a Vila Santa Terezinha, para a Sexy e depois aparecem no Balanço Geral<sup>5</sup> no outro dia, tudo levando atraque da polícia. Uma maravilha! Outro dia, eu e Selma (Ricardo, garçom) estávamos olhando televisão juntas, na TV de LCD que ela tem no seu quarto, e vimos o marido de Selma tirando as meias para o brigadiano.<sup>6</sup> E o policial olhando dentro, mas não tinha nada, só tinha umas pedrinhas. Aliás, pior, gente, guri fumar crack, tudo bem, mas bicha velha fumar crack... [gargalhadas da plateia]. Coisa triste! [...] Essa música eu dedico para o pessoal, meus amigos lá que estudaram comigo no Julinho,<sup>7</sup> a classe de 48 que tá sentada ali, do lado da Mamy, todos os meus amigos ali. Nós que participamos da passeata quando o Brizola fugiu para o Uruguai. [gargalhadas do público]. A gente era adolescente, a gente tinha 30 anos naquela época. [gargalhadas da plateia]. Viu como eu sou culta? Eu me lembro de tudo, gente. Eu

---

<sup>3</sup> Roubar.

<sup>4</sup> Os lugares citados são reconhecidamente estabelecimentos de prostituição masculina. A referência à Vila Santa Terezinha corresponde ao fato de que é nas proximidades deste bairro que boa parte dos garotos costuma comprar *crack*, maconha e/ou cocaína. Em relação a este último estabelecimento, é de conhecimento público nas comunidades LGBT (especialmente nos bares e nas boates da cidade de Porto Alegre) que o mesmo oferece a possibilidade da realização de programas a preços módicos, variando de um vale transporte a um cachê similar ao das saunas, com a especificidade de que o serviço é realizado no banheiro ou no *darkroom*, ou mesmo nos moteizinhos da vizinhança. O lugar é conhecido como “fim de carreira” por alguns/algumas (espaço bastante frequentado por travestis, dentre elas aquelas que são profissionais do sexo), e muitos dos garotos que frequentam sauna e outros bares apontam este como tal, um “lugar que desvaloriza o cara”.

<sup>5</sup> Programa de TV sobre o cotidiano local no Rio Grande do Sul, com reportagens sobre abordagens policiais e crimes e casos ditos “excêntricos” na “sociedade gaúcha”.

<sup>6</sup> Policial militar.

<sup>7</sup> Tradicional escola da rede pública estadual em Porto Alegre, localizada nas proximidades do Parque da Redenção, espaço conhecido também como zona de pegação.

fui torturada, eu fui torturada, no golpe militar. As burras se exilaram no Chile, eu fui para Las Vegas. [gargalhadas da plateia] (Transcrição da performance de Marlene em 12 de agosto de 2009<sup>8</sup>).

### **1. "As aparências enganam aos que odeiam e aos que amam":<sup>9</sup> Uma introdução para pensar as ficções de gênero, sexualidade e idade como fronteiras de abjeção**

A cena acima é transbordante em palavras que se repetem, oferecendo um arranjo difuso de enunciados performativos que organizam um lugar/espço e uma (homo)erótica, fraturada e regulada por discursos normativos que, através da paródia, apontam para uma experiência e uma sociabilidade particulares no envelhecimento homossexual.

A linguagem tagarela das performances do ator transformista que abre esta cena de análise (um dentre vários registros que compõem esta pesquisa) opera em uma bricolagem de signos de beleza, comportamento, performances de gênero e aparência, exibindo também moralidades sexistas, racistas, classistas, entre outras formas de interpelação. Ao mesmo tempo, a cena rasga as significações contemporâneas dos atributos que dão inteligibilidade a uma vida para – e desde – as experimentações da sexualidade e da idade, introduzindo outras hierarquias para o gênero.

O Bar Mixx 54 é o cenário de um plano de experiência outro, para (outros) homens idosos. Na companhia de jovens garotos de programa, uma nova trama de prazeres e desejos se agencia na cidade de Porto Alegre para esses “senhores de idade”, na qual os significados de uma vida inteligível são roubados e traficados no interior de uma zona moral interpelada em abjeção. Conceito central neste trabalho, a ideia de abjeção corresponde a uma zona de inabitabilidade que confere o limite definidor de um sujeito:

[...] ela constitui aquele local de temida identificação contra o qual – e em virtude do qual – o domínio do sujeito circunscreverá sua própria reivindicação de direito à autonomia e à vida. Neste sentido, pois, o sujeito

---

<sup>8</sup> Este é apenas um extrato desta performance teatral de Marlene. Realizei quatro registros completos de suas apresentações – cada atuação durando em média 30 minutos de conversa com o público – com a autorização da mesma e com a notificação para o público. Muitas vezes o esclarecimento de que havia pesquisadores da UFRGS no local era dado pela própria performer, anunciando no microfone durante – ou antes – de suas apresentações.

<sup>9</sup> Canção “As aparências enganam”, interpretada por Elis Regina.

é constituído através da força da exclusão e da abjeção, uma força que produz um exterior constitutivo relativo ao sujeito, um exterior abjeto que está, afinal, dentro do sujeito, como seu próprio e fundante repúdio (Butler, 2000:155-156).

O argumento de Judith Butler nos ajuda a compreender o movimento de forclusão e abjeção não somente do ponto de vista dos lugares, mas das posições de sujeito. Neste sentido, refere que se trata de uma operação que faz algo/alguma coisa permanecer indizível para que os regimes de discursos contemporâneos possam continuar a exercer seu poder (Butler, 2004a [1997]:217). Um não dito que é de outra parte projetado na figura do monstro, como signo desta relação de poder, como um fantasma moral:

O monstruoso espreita em algum lugar naquele espaço ambíguo, primal, entre o medo e a atração, próximo ao centro daquilo que Kristeva (1982:1) chama de abjeção: Há na abjeção uma dessas violentas e obscuras rebeliões do ser contra aquilo que o ameaça e que parece vir de um fora ou de um dentro exorbitante, lançado para além do alcance possível e do tolerável, do pensável. Ela está ali, muito próxima, mas inassimilável. Ela incita, inquieta, fascina o desejo que, entretanto, não se deixa seduzir. Assustado, ele se afasta; enojado, ele se recusa... Entretanto, ao mesmo tempo, esse ímpeto, esse espasmo, esse salto é atraído para outro lugar que é tão tentador quanto é condenado. Incansavelmente, como um inescapável bumerangue, um vórtice de atração e de repulsão coloca aquele que está habitado por ela literalmente ao lado de si mesmo. Esse eu, ao lado do qual tão repentinamente e tão nervosamente nos colocamos, é o monstro (Cohen, 2000:52).

Este texto corresponde assim a uma cartografia da “vida social do corpo” (Butler, 2004 [1997]:238), que percorre planos ficcionais da produção de formas abjetas, nas tramas (e nas transas) da regulação da sexualidade, especialmente a partir das interseccionalidades de gênero e idade – como fronteiras modernas para a inteligibilidade (e a elegibilidade) humana. Trata-se de uma cartografia de um corpo contestado, na qual são acompanhados movimentos que indicam que as representações de monstruosidade e abjeção impetradas aos idosos – especialmente em nosso estudo, os homossexuais – não refletem mais do que o caráter ficcional das normas e dos fantasmas da Modernidade que se agitam para encarnar o corpo.

A pesquisa que deu origem a este artigo (e da qual derivam estes excertos de trabalho de campo)<sup>10</sup> foi delineada a partir de dois esquemas de análise, permi-

---

<sup>10</sup> Tese de doutorado realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS / GEERGE – Grupo de Estudos em Educação e Relações de Gênero, orientada pela Profa. Dra. Guacira Lopes Louro.

tindo-nos uma forma de compreensão sobre como é produzida a objetificação da produção discursiva da abjeção, ao mesmo tempo em se pode analisar como resistências a essa reificação (performativa) foram/são de alguma forma agenciadas, neste caso, no interior de uma sociabilidade – no Bar.

O primeiro esquema de contestação analisado na tese refere-se às experimentações da sexualidade de homens idosos em um estabelecimento denominado sauna e videolocadora pornô,<sup>11</sup> sem intermediações financeiras entre seus frequentadores (pelo menos de forma declarada como no espaço/plano de análise 2).

Como segundo plano de análise, por outro lado, e sobre o qual me debruço neste artigo, abordei as sociabilidades produzidas em torno de homens idosos e garotos de programa (profissionais do sexo) no Mixx 54,<sup>12</sup> um bar no estilo Cabaret, localizado na zona norte de Porto Alegre, em uma das ruas escuras que cortam a Avenida Farrapos, conhecida por acolher inúmeros estabelecimentos de prostituição. Cabe sublinhar, seguindo o rastro de Néstor Perlongher (1987) em sua análise sobre a prostituição viril na cidade de São Paulo: “o dispositivo da sexualidade não se detém em conferir à homossexualidade uma demografia – uma base populacional. Instaura também uma territorialidade geográfica” (1987:48).

Assim, o que liga essas duas entradas de problematização é o fato de que elas se constituem como contrapontos – ou esquemas reflexivos comparativos – que me permitiram uma abordagem sobre as disputas presentes nas tramas discursivas da heteronormatividade e da homonormatividade (Butler, 2005a; Duggan, 2003; Louro, 2009), como importantes dispositivos na produção e/ou na manutenção da velhice como abjeção, mas situados em um mesmo campo/território de tensões e moralidades urbanas, remetendo-nos a deslocamentos sobre centro-periferia na ocupação da cidade. Cabe sublinhar que a heteronormatividade, bem como a homonormatividade (esta relacionada às formas de experimentação normativas das sexualidades LGBT), corresponde à reiteração da norma corpo-gênero-sexualidade (e idade, entre outras interseccionalidades) como forma de manter a ordem heterossexual (PocaHy & Nardi, 2007). No seu esforço de desnaturalização do gênero/sexualidade/desejo, Judith Butler (2005a) denuncia a fragilidade constitutiva da heterossexualidade pelo seu próprio avesso, afirmando que as práticas sexuais

---

<sup>11</sup> Encontra-se aprovado para publicação na *Revista de Estudos Feministas*, v. 20, n. 2/2012 artigo que retrata de forma mais sistematizada esta reflexão. O artigo denomina-se “Entre vapores & vídeos pornôs: dissidências homo/eróticas na trama discursiva do envelhecimento masculino”.

<sup>12</sup> O local, hoje sob nova direção, em outro endereço, abria de segunda a domingo, sempre a partir das 18h. O estabelecimento oferecia quartos, no estilo dos serviços de motel, embora nenhum deles com banheiro interno ou maiores confortos e privacidade, uma vez que as paredes são de madeira pouco espessa.



ditas não normais colocam em xeque a estabilidade do gênero (por exemplo, o regramento ativo-masculino *versus* passivo-feminino) na definição do que é ou não “normal”, e por isso possível, em termos da sexualidade e de uma vida inteligível.

Por isso, antes de avançar no texto, cabe destacar algumas reflexões no campo das homossexualidades e do envelhecimento como prelúdios e planos rápidos de problematização sobre o que abordarei adiante: a cena intergeracional em um plano/zona de prostituição masculina.

Um destes planos-olhar sobre o envelhecer e a homossexualidade vem da proposição de Júlio Simões (2004), remetendo-nos às tensões políticas presentes no interior de uma cena / experiência de fronteira, especialmente ao pontuar as margens que estabelecem no interior de tais experiências/modos de vida “marginais” em uma sociedade heterossexista. Afirmo o autor: “se, por um lado, as identidades gestadas dentro da ‘cultura gay’ podem ser vistas como aprendizado e desenvolvimento de estilos de vida corporais, [...] por outro, elas também só fazem reforçar os contrastes entre a juventude resplandecente e a velhice sombria” (2004:419).

A constatação de Simões é fundamental para que possamos compreender os movimentos de contestação no interior desta disputa por um lugar no “mercado sexual” e pelo reconhecimento social a partir das sociabilidades homoeróticas (sobretudo comerciais). De um lado, nesta disputa, percebemos as representações de niilismo e recolhimento impetradas a muitos gays idosos como derivadas muito provavelmente de tramas discursivas signatárias da política de exaltação do corpo jovem (algo que parece se arrastar no jogo das políticas de identidade, inclusive com grande expressão em muitas políticas de visibilidade gay nas campanhas de enfrentamento à AIDS ou de direitos da população LGBT). Essa profusão de representações evidencia e informa uma imagem de si para muitos gays que se recusam a envelhecer – ou que negam qualquer possibilidade de erotismo e direito de cidade para o corpo idoso, revelando um traço homonormativo no interior de uma margem de exclusão social.

Um argumento que corrobora esta perspectiva das ciladas da cultura gay, matizada no corpo belo, bom e a ser zelado e protegido (como se os outros não fossem merecedores), vem de encontro à crítica de Didier Eribon (2003):

O culto da juventude parece ser um dos traços mais constantes da cultura gay (sem dúvida isso é menos verdadeiro na cultura lésbica). [...] De fato, em relação aos discursos e imagens hostis descrevendo a homossexualidade como um agente de decadência e de destruição da sociedade são historicamente opostos aos contradiscursos e às contraimagens que buscaram legitimar o amor entre homens em momento da beleza dos jovens. O que seguidamente nos dá a impressão ao ler revistas gays é que somente os jovens belos podem ser homossexuais (2003:22).

Não se faz mister afirmar que onde há uma relação de poder e um movimento/ tentativa de hierarquização e objetificação de uns sobre os outros, a resistência se fará presente. Desse modo é que este trabalho de pesquisa ensaiou alguma intimidade com problemas que se desmancham no jogo das aparências corporais (pós)-modernas, buscando possibilidades de imaginar/viver uma erótica no discurso do envelhecimento.

Procurei compreender o corpo idoso a partir da perspectiva de uma materialidade que encarna e desencarna e torna a encarnar os discursos que evidenciam o trabalho incansável, inacabável e ficcional das normas, especialmente através dos movimentos que ensaiam contestação e dissidências – uma sorte de avesso da norma.

As idades da vida criam condições de inteligibilidade para o que definimos em nossas sociedades ocidentais (pós)modernas como *humano*, também em termos de gênero, sexualidade e “raça”/etnia. No rastro do projeto (bio)político da Modernidade, a experiência geracional e algumas das interseccionalidades que acabei de citar nos permitem certas interrogações: o que deve o sujeito contemporâneo à sua idade e quais são as hierarquias produzidas em nosso tempo para a objetificação de discursos de inteligibilidade social? O que pode uma vida com a sua idade? O que pesa e o que conta para a idade que levamos? Pode um sujeito existir – oferecer inteligibilidade social – sem a sua idade? E uma idade pode ser a mesma de uma geração a outra? O que o corpo deve aos regimes políticos na gestão da vida (generificada)?

Em relação à juventude e à velhice, tomo estas duas experiências discursivas como materialidades em negociações culturais e a partir de regimes de verdade que não podem ser pensados sem a organização e a produção de expectativas para as idades/fases da vida:

El otro campo de intervención de la biopolítica va a ser todo un conjunto de fenómenos, de los cuales algunos son universales y otros accidentales pero que, por una parte, nunca pueden comprimirse por entero, aunque sean accidentales, y que también entrañan consecuencias análogas de incapacidad, marginación de los individuos, neutralización, etc. Se tratará del problema de la vejez, muy importante desde principios desde siglo XIX (en el momento de la industrialización), del individuo que, por consiguiente, queda fuera del campo de capacidad, de actividad. Y, por otra parte, los accidentes, la invalidez, las diversas anomalías. En relación con estos fenómenos, la biopolítica va a introducir no sólo instituciones asistenciales (que existían desde mucho tiempo atrás) sino mecanismos mucho más sutiles, económicamente mucho más racionales que la asistencia a granel, a la vez masiva y con lagunas, que estaba esencialmente asociada a la Iglesia. Vamos a ver mecanismos más racionales, de seguros, de ahorro individual y colectivo, de seguridad, etcétera (Foucault, 2006 [1976]:221).

Para isso, corrobora a perspectiva de Pierre Bourdieu (1978), quando nos ajuda a compreender que estamos diante de uma disputa sobre o domínio dos sujeitos, ao limitar a experiência geracional a divisões arbitrárias – erigidas, evidentemente, a partir de conceitos e práticas regulatórias constituídas historicamente.

Segundo Bourdieu (1978), estas classificações por idade (mas também podemos dizer por gênero, “orientação sexual”, deficiência, localidade e classe) remetem-nos sempre à imposição de limites e de produção de uma ordem em função da qual cada um deve se fixar e na qual cada um deve se colocar em seu lugar.

O corpo do idoso que protagoniza/zou este estudo, em alguma medida, contesta o que foi representado como o seu destino (o lugar que a cultura e a sociedade produziram para ele), através de performances desempenhadas com (algum) prazer, com (alguma) invenção, com (algum) tesão, com (alguma) graça e com (algum) desafio de si, com alguma intenção, produzindo uma espécie de movimento de ascese para uma vida criativa (Foucault, 2001 [1984]).

Seguindo as pistas que desenhavam uma imagem aproximada para um idoso, a partir de um plano de sociabilidade orgiástica (Terto Jr, 1989), pude acompanhar uma fotografia provisória deste idoso ocupando um lugar possível na cidade – que em seus movimentos de erotismo deforma as representações normais para um “homem de idade”. Isto significa afirmar que este estudo foi também a cartografia de uma (homo)erotiCidade. Com ele, pode-se seguir o desenho de uma cena de erotismo que vai se definindo no instante mesmo da sua própria experimentação e do seu traçado político. Não se trata de um mapa. As paisagens existenciais e eróticas foram e continuam se (re)desenhando, oferecendo novas entradas de problematização e novos arranjos de vida e sociabilidade.

O que se acompanha e como se produziu esse mergulho nas tramas da intimidade, acolhendo as contribuições e os aportes teórico-metodológicos das etnografias densas (Geertz, 1989), é apenas um instante, uma cena de exceção e algo produzido como um esboço borrado da experiência política da corporal/idade na cidade (Caiafa, 2007). A posição enquanto pesquisador, vivenciando/experimentando esses espaços e encontros, alicerçou o pensamento com:

uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele (o pesquisador) tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar (Geertz, 1989:7).

Eu me arrisco/arrisquei nesta problematização misturando-me com os prazeres e os perigos da ficção que esta cena poderia carregar, assumindo que os resultados deste desafio passaram também pela cartografia de meu corpo e por seus

estranhamentos. Minha superfície corporal está presente nos encontros narrados e fabricados aqui, operados desde uma experimentação político-epistemológica. Logo, o corpo do pesquisador como experiência é escrito/vivido a partir desta perspectiva como um complexo de significações, efeitos, atitudes, disposições, associações e percepções que resultam da interação semiótica entre si e o mundo exterior (Lauretis, 2007:111).

Deliberadamente, a subjetividade do pesquisador – este com aquele *status* que poderia indicar certo distanciamento, neutralidade, olhar distinto – foi contestada a partir de uma posição de construção de certa margem de liberdade em relação aos assim chamados protocolos rígidos de pesquisa. Eu me ofereci como um corpo interessado e “perguntador”, através de uma pesquisa iniciada com o meu próprio corpo. Eu fui, em alguma medida, parte da produção erótica sobre a qual intentava produzir alguma reflexão. O corpo – meu corpo – não teve como escapar da cena, pois ele desviava o olhar dos participantes, interrogava, atraía, afastava, agregava e fazia nada também, tanto na relação com clientes quanto com os garotos de programa do espaço onde a pesquisa foi produzida. Eu estava ali apenas como mais um – um nativo-outro, estranhado, revisitando as experiências de uma de suas possíveis identidades. Participei, portanto, observando (Mendes-Leite, 1992; 2003).

Engendrei-me nas cenas íntimas e nas tramas de corpos de diferentes formas, idades e em distintas performances de gênero – inclusive entre aquelas que não seriam talvez nem masculinas nem femininas, tampouco o plural de um binarismo (outras masculinidades, feminilidades), isto é, cenas em que a sexualidade não pode ser pensada/vivida atada aos cânones de gênero e tampouco da idade.

Também estive (auto)suspense em minhas próprias convicções sobre meus desejos, sobre minhas preferências sexuais e, de alguma forma, borrei meu texto erótico ou o amplifiquei com meu corpo em evidência participativa. Ofereci-me, por assim dizer, a uma “invasão” consentida e mergulhei de outro jeito nesta experiência, sendo tocado e levado por mãos conhecidas e ao mesmo tempo desconhecidas que, aos poucos, passaram a ser menos estrangeiras e mais uma vez familiares. Toquei, compartilhei de experimentações, conversas e momentos de solidariedade e amizade, e pactuei comigo, com o campo e com as pessoas que faziam desta realidade uma cena para a pesquisa sem protocolo acadêmico formal (embora fosse uma bestialidade oferecer um termo de consentimento no corredor de um bar, não omiti, em momento algum, em certas oportunidades, o fato de que ali eu tinha meus interesses acadêmicos). Conduzi meus esforços, segundo a perspectiva ética, a partir de uma posição de ampliação das margens de liberdade na relação com o outro, ao modo de um “cosmopolitismo ético”, nos termos de Paul Rabinow (1999), indicando que:

O princípio condutor é ético. [...] posição oposicionista, desconfiada de poderes soberanos, verdades universais, precisão relativizada em demasia, autenticidade local, moralismo de cima e de baixo. Entendimento é o seu outro valor, mas um entendimento desconfiado de suas tendências imperia- listas. Esta posição presta atenção às – e respeita – diferenças, mas também está alerta à tendência de essencializá-las (1999:100).

Em um movimento de rachadura no dispositivo da sexualidade, poderia se dizer assim, suspendi o valor e a importância do que se imagina ser um ato sexual ou práticas sociais envolvendo o exercício ativo/passivo da pesquisa acadêmica com sexualidade. Desta forma, a descrição e o entendimento destes locais, como o bar cujas sociabilidades permitiram esta análise, podem ser compreendidos como uma fratura virtual que abre um espaço de liberdade – e como espaço de liberdade concreta. Isto aponta para um espaço-tempo de transformação possível (Foucault, 2001 [1983]) em relação às formas ontológico-normativas de compreender, vivenciar e localizar o corpo.

Por este motivo, reforço a afirmação de que não precisei de um alibi para frequentar os lugares de sociabilidade erótica presentes na pesquisa que deu origem a este texto. O Bar passou a ser apenas mais uma entre as possibilidades no meu lastro de experimentações e um dos cenários aos quais tenho me dado a oportunidade de produzir meu lazer ou reflexões e intervenções institucionais (como, por exemplo, meu envolvimento com a organização não governamental Nuances – grupo pela livre expressão sexual).

Estou tratando assim de uma análise discursivo-desconstrucionista sobre a *scientia-sexualis*, ao apostar que a cena em estudo diz respeito a um performativo que, ao mesmo tempo em que se produz na trama discursiva do “sexo rei” (Foucault, 1997 [1976]), permite-nos pensar em alguma possibilidade de reinvenção erótica que negocia com os regimes da heterossexualidade compulsória e da hetero e homonormatividade, isto é, uma cena orgiástica que se (des)organiza em um conjunto de signos e representações agenciados na intensificação dos prazeres sexuais – como uma espécie de “excesso” para o imaginado como a medida do possível para a sexualidade – algo que se produz como um instante, um instantâneo – o “interesse do presente”, a “festa dionisíaca”, “o desejo de estar junto”, conforme Michel Maffesoli (2010 [1981]).

Nesse lapso temporal da deriva da orgia, parece ocorrer uma recusa ao inventário moderno das taxonomias sexuais. No entanto, em outros momentos, podemos tropeçar nos escombros discursivos de uma norma. Afinal, a possibilidade de uma norma se (re)produzir e se reinventar encontra-se sempre presente, mais ou menos “aparente”. Por outro lado, trata-se de uma experiência silenciosa, pois são vozes que dificilmente ultrapassam as paredes deste ambiente, a não ser pela

desqualificação e pela associação moralizante sobre a prostituição como um fim triste para os ditos gays idosos e “feios em geral” – aqueles que supostamente a homonormatividade imagina colocar fora do mercado sexual.

As cenas aqui presentes são atravessadas por diversas moralidades, entre elas, a homonormatividade – especialmente diante dos discursos discriminatórios em relação aos idosos e à prostituição, e dos clientes da prostituição em relação aos profissionais e às “bichas pobres”, formando uma espiral de contradições, escapes e desencaixes – as continuidades e as descontinuidades – que são vividos ao mesmo tempo. É isto o que torna esta sociabilidade entre gerações, gêneros e classes sociais uma cena ruidosa, uma experiência torcida em interseccionalidades.<sup>13</sup> Pois, enquanto se trata de uma cena que reintroduz esses sujeitos no campo das possibilidades de agência, dublando e parodiando algo da vida generificada e etarizada, acompanhamos o bailado desses mesmos sujeitos em objetificações através do politicamente incorreto e das classificações. No interior das fronteiras, na experiência de quem, por algum motivo, é excluído mas não está fora do mundo, reproduzem-se e rearranjam-se outras classificações e hierarquias sociais, talvez menos violentas e arbitrarias, mas sempre objetificantes.

Algo se (des)organiza através linguagem do/no “gueto”, recita-se alguma coisa sobre o que seja um homem velho ou o que seja um boy no discurso da própria objetificação do idoso. Não qualquer homem, não qualquer idoso, mas aquele que frequenta rapazes de programa, abrindo a experiência do envelhecimento, fechando ou negociando suas significações através dos enunciados normativos sobre o corpo, o prazer, a idade, a cor da pele, a origem social. No mesmo instante, esse jogo *citacional* produz sentidos inusitados para as representações desqualificantes sobre essa sociabilidade e sobre os corpos ali presentes. A linguagem faz resvalar, e fura-se o bloqueio das representações de uma vida triste e miserável para um homossexual idoso (ou, ainda, a interpelação bicha velha). Algo é rompido no mesmo instante em que há contradição – por exemplo, o racismo expresso na crítica ao cabelo ruim ou à pobreza e às condições socioculturais dos outros clientes menos favorecidos ou dos garotos. Ao som de melodias apaixonadas, em performances debochadas e na companhia de belos rapazes, uma cena nova se abre contestando por um momento a objetificação, sem deixar de produzir outras desigualdades – a objetificação de uma diferença, tornando-a desigualdade.

A linguagem que cerca a velhice é desestabilizada aqui no interior mesmo

---

<sup>13</sup> Segundo Silma Bilge (2009), a ideia de interseccionalidade vai além de um simples reconhecimento da multiplicidade de sistemas de opressão; ela opera por consubstancialidade. Isto significa pensar as interações na produção e na reprodução das desigualdades sociais, analisando-as a partir dos regimes discursivos que produzem identidade e diferença (Silva, 2007).

de sua enunciação: utiliza-se a palavra injuriosa como forma de perfurar o bloqueio dos enunciados discursivos que fazem do corpo idoso um corpo menor ou hierarquicamente inferior. Algumas experimentações vivenciadas no Bar podem de certa forma estourar os significados da maquinaria biopolítica (Foucault, 2006 [1976]), sobretudo no instante em que essas movimentações/performances se fazem a partir de uma espécie de dessexualização do prazer (o que se poderia pensar como o performativo). No momento em que se sequestra semanticamente o erótico das tramas do dispositivo da sexualidade, pode-se pensar naquilo que David Halperin (2000) denomina como um reencontro entre o sujeito moderno da sexualidade e a alteridade do corpo. Corpo e erotismo se encontram em uma experiência de menor força normativa, à revelia das prescrições forjadas através do dispositivo da sexualidade.

A experimentação da deriva de uma noitada no Bar permite aos sujeitos ali presentes algum abandono de si (do eu forjado normativamente) e uma boa possibilidade de encontrar-se sozinho, suspenso pelo silêncio de algumas polifonias morais. Nesse instante, muito provavelmente, surge a possibilidade de questionar os valores de “honestidad, rectitud, coherencia y fidelidad que habían caracterizado la tradición moderna”, como nos aponta Beatriz Preciado (2009:19).

Os enunciados performativos que ficionam a figura de um idoso para esta cena são veiculados em – e desde – os ambientes internos do Bar, através da sua trilha sonora e da musicalidade, no “canto de cotovia dos garotos de programa” (expressão de um dos interlocutores), nas performances de atores performistas e através da personagem Marlene, na palavra romântica “ilustrada” que descansa em pequeno papel de bala<sup>14</sup> ou nos *flyers*<sup>15</sup> de um próximo encontro com rapazes apolíneos (especialmente na exaltação da juventude, muito mais do que na forma corporal produzida em músculos, por exemplo) em alguma outra boate ou sauna da cidade.

A profusão de significados que cercam esta cena de sociabilidade tonteia algumas linhas discursivas da norma, mas deixa outros agenciamentos normativos acentuarem-se, perturbando também o entendimento do analista/pesquisador (exigindo o rigor do estranhamento do olhar sobre a pesquisa a partir de contextos de vida do próprio pesquisador).

O corpo do “velho” como “monstruosidade e abjeção” é contestado no instante mesmo em que os enunciados desqualificantes “mudam de lugar”, produzindo para si outras possibilidades de representação – vestindo outros “figurinos” e

---

<sup>14</sup> Balas – “Balinhas do coração” (sabor morango), distribuídas na entrada do Bar.

<sup>15</sup> Como o *flyer* do concurso “O mais belo negro do Rio Grande do Sul”, convidando para a apresentação do grupo de dançarinos de funk “Bonde dos danadinhos” a ser realizada no Bar.

jeitos de viver esta cena. Noutros momentos, cabe ressaltar, essas figuras podem deslizar em uma nova norma, no interior da própria cena de contestação – no interior da “decoração” deste novo cenário de si. É aqui que conseguimos perceber os ruídos normativos ecoando mais fortes na fala de Marlene. Afinal, a linguagem não pode ser controlada e a crítica às normas não consegue ser tão eficaz quanto aquelas ideias que fazemos do que seja uma subversão. As “bobagens”<sup>16</sup> da performista (não somente desta, mas de tantas outras) materializam diferentes disputas no interior da zona de abjeção: a discriminação de classe social, o racismo e os arranjos homonormativos.

Por outro lado, a sociabilidade em torno dos rapazes, sem que haja necessariamente qualquer relação sexual, introduz um aspecto subversivo que corrói os enunciados normativos de “carência” ou “necessidade” sobre os clientes (formulação seguidamente expressa nos termos: “ter de pagar” ou “ele precisa pagar” para transar – para “ter” alguém), isto é, certas cenas não incluem o ato sexual. O “acompanhamento” (serviço de *escort boy*), a presença, a conversa, a simples circulação dos garotos já significam para muitos clientes o que conta e o que pode ou não ser “tarifado”, já que muitos rapazes usufruem deste espaço também como forma de lazer (“curtir a noite” e, se possível, ganhando alguma coisa), entre a possibilidade de um trabalho (programa) e outro. Esses discursos de carência ou de necessidade de pagar para transar são “torcidos” em cena, em ato. Desta forma, alguns fantasmas morais entram em negociação, perdendo força. A relação intergeracional masculina no plano da prostituição é sequestrada de alguns de seus significados desqualificantes.

Sublinho que são distintas as possibilidades de experimentar esta cena da prostituição enquanto cliente, mas escolhi (e fui escolhido por) aquela que me parecia ser mais eficaz no entendimento das relações que cercam a velhice como abjeção, e também que pudesse dizer algo mais contundente sobre os jogos performativos do gênero e da sexualidade. Ocupei-me em analisar uma cena paródica, mais “exibida”, mais divertida, mais delitiva, “fechativa” (nos termos de um roubo cênico dos sentidos, expressão esta bastante utilizada nos espaços LGBT), sem deixar de estar atento aos “problemas” que nesta relação social o gênero porta em termos de novos arranjos normativos, como as objetificações e as discriminações racistas, classistas etc., evidenciando as interseccionalidades que definem esta relação.

---

<sup>16</sup> Expressão que a personagem atribui para traduzir o que diz de si mesma e dos outros.



## 2. "Eu poderia mentir que sou feliz, mas o amor não deixa":<sup>17</sup> Sexo, "mentiras" e belos rapazes

Parte deste trabalho foi realizado em um bar frequentado por homens que procuram apenas um lugar para conversar, dançar um pouco, beber uma cerveja, encontrar seus pares ou talvez um jovem rapaz para uma relação amorosa – um “namorinho” ou “um casinho” (Dionísio, 69). Nos anúncios das mídias gays locais a especialidade das casas é direta: “local com garotos” e “suítes”. Aqui se chega relativamente cedo para o contexto noturno de Porto Alegre: às 20h30 o movimento já começa, seguindo um roteiro para garotos e clientes. Alguns boys chegam diretamente ao Bar, bem cedinho, e outros ainda tardam um pouco mais, pois têm de cumprir o contrato das saunas: “saída liberada para boy somente depois das 22h”, avisam as casas (do contrário, devem pagar a entrada). O terceiro turno para alguns dos rapazes, a boate, está apenas a 20 minutos de caminhada, entrecruzando as avenidas centrais que levam às bordas da zona norte que recebem quem entra na cidade pelo Aeroporto ou pela Ponte do Guaíba. Para a maioria dos clientes esta é a última estação da noite, salvo para alguns mais “dinâmicos” (que são os sujeitos mais presentes no corpo deste trabalho como interlocutores).

O espaço com garotos de programa é um lugar organizado pelo culto do desejo e dos prazeres que se unem pela pele viçosa, por músculos rijos e uma “estética de periferia” (conforme argumentam alguns interlocutores e como é de senso comum nas comunidades homossexuais mais diversas, especialmente com as fartas representações de “boy cafuçu”, “boy perigoso”, “boy Elza” etc., como afirmam Teobaldo/Marlene, André e outros interlocutores).

A juventude esplêndida recita os ideais contemporâneos de beleza no tesão pelo boy “belo”,<sup>18</sup> mas que deve portar também signos de masculinidade viril, seja por sua origem social e geográfica, seja pela performance corporal de “um homem de verdade”, como afirmam muitos dos frequentadores do bar, mas presente especialmente na fala de André (67 anos), um dos interlocutores deste estudo.

Uma simples constatação é derrisória também nesta configuração erótica: não há garotos de programa que não sejam jovens, diferente das mulheres profissionais do sexo, entre as quais se pode encontrar idosas. No entanto, se o corpo idoso neste lugar não é o sujeito do investimento erótico, por outro lado, ele é o grande

---

<sup>17</sup> Extrato da canção “O amor não deixa”, interpretada por Vanessa Camargo.

<sup>18</sup> Uma das expressões mais comuns para referir-se aos garotos de programa diz respeito a esta conjunção “boy belo” (que é sempre pronunciada de forma a acentuar a primeira sílaba, em tom demorado: “belo”) “um boy belíssimo” (aqui, a entonação na segunda sílaba também se arrasta).

organizador da cena, o que significa que poderia haver uma “valorização” em princípio matizada pelo dinheiro, mas nada diferente de outras relações ditas “normais” no conjunto das sociedades (um homem idoso, com dinheiro, possivelmente encontra significações de charme, poder e beleza, diferentemente se pensássemos nas mulheres, pela histórica desqualificação e horror que o desejo e o poder das mulheres mais liberadas causa na cultura sexista).

Se não há cliente, não há negócio. Claro, se não houver bofe (michê), é possível que não haja clientes. No entanto, o corpo idoso não deixa jamais de ser um corpo evidente nesses espaços, fazendo contraste com as medidas da exuberância do corpo juvenil dos boys. O corpo do idoso aqui se (des)constrói e se oferece à outra possibilidade: ser tocado, percebido, visto, mas não pelo seu par etário. André evidencia-nos algo da forma como seu companheiro de idade pode ser encarado: “[...] uma vez o Esteban chegou e entrou aqui, vamos no Indiscretus? Eu disse: vamos! Tinha festa dos ursos. Mas eu saí na mesma hora... Tava tudo pelado, suado e não tinha guri, daí sai na mesma hora”.

No interior do Bar a (homo)eroticidade se faz através do olhar do outro cliente que o vê, mas que não o toca. Nesta cena, o companheiro de mesma geração não encontra investimento erótico ou uma possibilidade de desejo (raríssimas vezes se pode perceber algum arranjo entre clientes, a não ser no caso de alguns poucos casais de clientes que frequentam o lugar).

O cliente do bar é geralmente um cúmplice ou um concorrente. A companhia do boy faz a beleza do “velho”, através de um *status* que muitos clientes desejam, isto é, a significação do poder de pagar mais e o *status* que certos boys imaginam possuir na companhia deste cliente. Estas conclusões são derivadas de fartas performances de Marlene, que traduz um cotidiano de desejos, intrigas e “fechações” dos clientes. Cabe ressaltar que muitos clientes mais jovens se sentem ultrajados ao serem preteridos pelos garotos em razão de um cliente mais idoso, revelando os limites de uma imagem mais positiva do idoso, salvo se ele tiver um lugar na casa, seja pelo fato de ser mais abastado, seja pela profissão, ou outro atributo de valor da sua figura.

Esta constatação não encerra definitivamente as chances que esses lugares oferecem em termos de “problemas” para as categorias discursivas de gênero, sexualidade e idade. Ter a companhia do boy, ser tocado por um rapaz,<sup>19</sup> é também a possibilidade de um corpo de ser socialmente percebido como desprezível (pelo menos neste momento) e desejado eroticamente, como podemos ver nas falas de

---

<sup>19</sup> Cabe lembrar que a pesquisa geral também foi realizada em outros espaços de sociabilidade, onde o corpo idoso é desejado, mas sem intermediação financeira – com restrições tácitas à frequência de profissionais do sexo.

Cândido, André ou Dionísio, afirmando sentirem-se realizados por terem um boy.

Este reconhecimento não está distante de muitas relações amorosas não remuneradas ou “naturalmente amorosas”, mas que, geralmente ao findarem seu tempo, vivenciam disputas patrimoniais, como revelam muitos dos organizadores das relações, dificilmente assumidos socialmente. O amor não tem preço?, poderíamos nos perguntar. Parece que os clientes da prostituição nos alertam sobre isto com um sorriso no canto dos lábios e uma piscadela para os garotos que passeiam pelos corredores e pela pista do bar.

Entre estas e tantas outras possibilidades, o Bar é também um lugar onde histórias da velhice e da homossexualidade são recontadas, revividas e, de alguma forma, transmitidas às novas gerações – ou aos novos aventureiros: os aprendizes (clientes mais jovens em idade ou tempo no lugar) e os jovens garotos de programa. Um espaço onde se exercem pedagogias de gênero e sexualidade (Louro, 2001) materializadas em performances teatrais, em concursos de beleza – para garotos de programa (concurso o “boy mais belo”) e para clientes (“Miss Plenitude”<sup>20</sup>) – e onde as conquistas e as proezas do prazer envolvendo o sexo são (re)contadas (incansavelmente) em rodas de amigos (clientes e boys), bem como nas performances de Marlene e outras transformistas.

### 3. “Eu me arranhei ao te amar”:<sup>21</sup>

#### Prazeres e perigos: conceber-se fora da normal/idade

Farrapos<sup>22</sup> dos prazeres. Desejos em farrapos? Não. Mas também. Representações despedaçadas do que se imagina para uma vida viável e para as paragens de um idoso convencional (dito “normal”): procurar um lugar e um (e não uma) amante entre “veados escandalosos”, putas, cafetões, travestis, craqueiros, traficantes e garotos de programa. Neste palco algo faz arder as significações arbitrárias de abjeção sobre a prostituição, a homossexualidade e a velhice, realocando o corpo e a vida em uma zona da cidade que não dorme.

---

<sup>20</sup> Este concurso de beleza tem as seguintes regras: clientes somente maiores de 40 anos, que usarão trajes de gala feminino, sendo excluídas travestis ou aquelas que apresentem modificações corporais do gênero.

<sup>21</sup> Extrato da canção “No analices”, interpretada por Nana Caymmi.

<sup>22</sup> Faço aqui um jogo de associação com o nome da avenida que acolhe em suas imediações um universo de estabelecimentos dirigidos aos prazeres sexuais. Falar em Avenida Farrapos em Porto Alegre é pensar também em corpos nus de travestis, prostitutas e em cabarés, zona de sacanagem, putaria – a grande veia erótica exposta no coração da cidade.

O sexo tarifado (prostituição) pode significar um problema no que tange ao processo de “envelhecimento homossexual” (e retomo aqui a ideia segundo a qual o envelhecimento é um problema em relação às normas de conformidade à identidade gay). A experiência do sexo pago ocupa um lugar privilegiado nos discursos normativos como um destino reservado aos perversos, aos homens miseráveis, solitários e de tipo físico aberrante, ou seja, algumas práticas desobedientes no interior das formas dissidentes da sexualidade agonizam entre as permanências tributárias de representação de alguma coisa vergonhosa, suja e/ou imoral, sobretudo para muitos gays.

Talvez por isso seja possível afirmar que não são poucas as situações de violência que acompanham essa sociabilidade. Elas são narradas de forma incansável (e com um humor trágico, por vezes) sobre certos embaraços de uma relação clandestina e tida como moralmente “abominável” e sobre a precariedade social de muitos garotos, o que em algumas circunstâncias cria oportunidades para situações de roubo (acompanhadas de violência física). No entanto, convém notar que os garotos não correspondem necessariamente às representações muitas vezes estigmatizantes de homens violentos e perigosos – “assassinos”, “bandidos”, “ladrões” ou “sujeitos desprezíveis” – ou mesmo que estejam vivendo uma vida economicamente miserável e que tenham sempre por objetivo aproveitar-se da vulnerabilidade dos clientes.

Estas representações funcionam como uma forma de organização da experiência da prostituição entre homens, uma vez que os clientes trabalham com a pedagogia do medo como forma de construir sentidos e produzir planos de referência. Pode ser que essas representações estejam sendo alimentadas apenas por um fantasma normativo, a partir da força moral que cerca a experiência do sexo tarifado. Afinal, como alguém aprende a entrar e a se virar na zona?

Em tom menos duvidoso, há sempre a possibilidade de que uma situação perigosa exista de fato (o que pode estar implícito no desejo de um cliente, dependendo da viagem do tesão de cada um), ou que haja “desacordos” entre cliente e profissional, conduzindo a cenas violentas, especialmente nas disputas de posições generificadas no contrato da transa (ativo x passivo).

Outra tensão, relacionada às hierarquias de classe social, encontra-se, por sua vez, na possibilidade de se encontrarem clientes cujas relações podem corresponder ao sujeito abominável, sobretudo aquele que pensa tudo poder fazer e dizer protegido pelo poder do dinheiro ou, então, pela contrastante manutenção do *status* social em função do consumo e da exaltação do poder de consumo. André mostra o tênue limite destas representações que fazem o lençol da cama ser tramado em prazeres e perigos:

Porque eu até tinha um amigo aqui, o Carlos, Seu Carlos, que morava lá na minha zona, numa casa com piscina e levava guris pra lá. Ele até servia sempre cerveja e pizza, né? Eu digo: ai, eu detesto isso, né? Uma vez ele

saiu com dois guris do Era: vamos lá, André! Peguei um guri da minha confiança e fui junto. Eu disse: Carlos vão te matar ainda. Vão te afogar na piscina. E não é que mataram ele lá! Mas ele ostentava, era um Mustang vermelho ali na frente, lá no Era. E ele ostentava. Quem ostenta, quem leva pra... Tem pessoas que levam e parecem que estão buscando suicídio, tão buscando ser morto. Entende? (André, 67).

Não menos importante que o cotidiano do Bar e mesmo a posição da maioria dos interlocutores (os idosos) desta pesquisa, é o espaço onde vivem esta sociabilidade, que não é exclusivamente homossexual (embora os proprietários afirmem ser um espaço “veado”, muito clientes não se associam ao jogo das identidades homo). E no baile da diversidade de performances de masculinidade que são agenciadas neste local, os jogos hetero e homonormativos encontram potencialidades de deslizamento nas performances e nas representações que produzem muitos problemas para o gênero desta/nesta sociabilidade.

Os resíduos da heteronormatividade perduram e são exibidos e podem gerar cenas de violência física e patrimonial (inclusive chegando às vias da violência letal). Estes restos heteronormativos encontram-se materializados nas performances da masculinidade hiperviril, como objeto de desejo de muitos clientes em relação aos garotos. Já da parte de alguns garotos de programa, esta é uma questão de honra a ser gerenciada.

A narrativa de André aponta um pouco para as tensões e os arranjos que se produzem na relação de um cliente com um garoto de programa:

Ele diz assim: não, homem pelado me dá nojo. Entende? Eu conheci ele... Ele nunca tinha andado com ninguém. Eu conversei tanto, porque eu sou intuitivo. Eu tenho um instinto assim, ó, intuitivo, porque eu conheço as pessoas, Fernando, conheço mesmo. E eu sou um grande manipulador, entende? Então, eu fiz a cabeça dele que eu não era homem. Eu não sou homem. Pra ti, eu sou uma coroa. Então, ele pensa de mim isso. Consegui isso (André, 67).

Não é menos evidente que o jogo é aberto e que as condições das relações tarifadas se articulam com significados culturais e com a vulnerabilidade dos sujeitos envolvidos nessas cenas. Dessa forma, para além dos riscos apresentados, há outras apreensões e outras histórias que deixam marcas que são mais valorizadas pelos clientes. São as marcas da traição e da falta dos bons sentimentos, a inveja, a vaidade ferida, ou ainda os ciúmes que devem ser gerenciados (e que em alguns casos constituem muitos riscos materiais, sobretudo em função do montante a ser pago ao amante profissional que pode inflacionar significativamente). Além disso, a dor que resta de um amor não correspondido (ou de um serviço de amor mal

feito), ou ainda de um amor que demanda mais do que o cliente pode pagar são capazes de levar a situações suscetíveis de colocar em risco a imagem pessoal e/ou a própria vida (e isto não é um mito), como podemos perceber no testemunho de Romeo (54 anos):

Agora estou melhor um pouco, ainda lutando. Melhorou a ansiedade, não há o que fazer. A vida é puríssima ilusão e tudo o mais. Continuo apaixonado pelo boy. Tu sabes, amor por boy custa dinheiro. E não sou rico. Sou apenas um professor estadual lutando com Yeda.<sup>23</sup> Ele agora está trabalhando como taxista. Mas disse que na hora que eu quiser ele vem ficar comigo [...].

Para o contexto específico de tais cenas presentes nesta pesquisa, eu acrescentaria mais uma tensão no jogo das disputas que cercam um terreno diverso. Diria que um homem idoso que entra nesses jogos, caso tenha uma vida humilhada, envergonhada, triste e desprezada, não tardará em se confrontar com certas situações de fragilidade em relação a alguns jovens garotos, que podem e sabem muito bem como explorar essas posições de precariedade que se apresentam para um idoso que se aventura nas tramas do sexo pago. Mas esta é a evidência menos importante no cotidiano das práticas que cercam a cena do sexo tarifado. Muitos homens se saem bem nessas situações, sobretudo aqueles que de certa forma se “desapegaram” das posições estigmatizantes da sexualidade, e que com grande facilidade interpelam o idoso, seja ele homo ou heterossexual nas suas práticas eróticas.

Por outro lado, “sair-se bem” às vezes significa contar com as pedagogias que são exercidas e produzidas no interior desses ambientes, sejam elas realizadas de forma difusa e “não intencional”, sejam elas organizadas a partir das pedagogias das associações LGBT que orientam as práticas (no caso das pedagogias da saúde e em relação aos direitos humanos).

#### **4. “Por tudo o que eu não posso ser, eu te amo”:<sup>24</sup>**

##### **Amor com amor se paga?**

Entre as dublagens e os passos de dança nas pistas do Mixx 54, nós podemos escutar os sussurros e os gemidos da normalidade, por meio de paródias de gênero

---

<sup>23</sup> Governadora do estado à época.

<sup>24</sup> Extrato da canção “Sonho por Sonho”, composição de Leandro e Leonardo, interpretada por Adriana.

(Butler, 2005b [1990]) e novos (des)arranjos de sexualidade. E mesmo que o desejo de fazer casal ou de estabelecer uma conjugalidade se encontre aqui veiculado, ele se distancia de outros desejos assujeitados aos referentes de uma “vida gay viável”. O ponto interessante é que as cenas realizadas nesses espaços permitem a possibilidade de entradas e saídas do regime romântico e, por outro lado, desenvolvem diferentes performances de gênero em sociabilidades homo/eróticas. Esses homens traficam significados, roubam a cena e instalam o mal-estar nas instituições e nos regimes epistemológicos de inteligibilidade.

Um exemplo de experimentação romântico-amorosa neste sentido refere-se ao ato de beijar na boca. Gesto que, caso realizado em público, oferece um paradoxo importante para o entendimento do trabalho sexual, sobretudo porque muitos dos profissionais do sexo afirmam que beijar é um serviço interdito, ou seja, para muitos este ato é reservado aos companheiros ou companheiras em outros ambientes não tarifados; uma experiência que revela ainda algo de intimidade e de vida privada, no jogo de decupagens dos significados do corpo.

Outras performances mostram-se mais abertas à dimensão pública para certos rapazes, como o serviço/produto de “fazer romancinho” (expressão usual no Bar), e que pode incluir o beijo, as carícias públicas “espetaculares”, além de tudo o mais que pode entrar nos jogos do amor romântico, como os ciúmes, especialmente a partir da ideia do outro percebido como propriedade privada, ou o casal fusional, como aponta Serge Chaumier (1999). O pacote de serviços inclui grande variedade de representações do “amor”.

No que concerne particularmente à boca e suas representações e utilizações, podemos pensar que se opera nessa cena certo deslocamento ou tensão das representações sagradas e romantizadas do corpo, ao mesmo tempo em que a figura do homem viril afrouxa em relação às precauções e às prescrições relativas à masculinidade. O que significa dizer que, quando o beijo acontece, uma cena se rasga e produz furor nas representações de gênero e indica uma fronteira e um “poder”/distinção da parte do cliente que causa inveja nos seus pares de bar. Outras partes do corpo também desestabilizam áreas sensíveis para o gênero: como as “nádegas”, um local de muitas tensões,<sup>25</sup> sobretudo para os garotos de programa, que depositam nesta parte de corpo um escudo traseiro da masculinidade. Tocar a bunda de um garoto pode significar que esse sujeito (o boy) esteja mais ou menos

---

<sup>25</sup> Por outro lado, alguns rapazes praticam o sexo oral ativo, isto é, podem “chupar” um cliente, mas não aceitam ser “passivos” no sexo anal. A boca oferece assim alguns paradoxos no sexo tarifado entre homens, estando por vezes associada à cena romântica no beijo ou no contrato do serviço a ser prestado nos atos sexuais, “sem custo explícito” para a masculinidade e a heterossexualidade.

flexível às práticas sexuais que não se fixam nos imperativos da virilidade, modulando “o romance” ou o “caso”.

Outro aspecto importante nas transações realizadas nesta cena diz respeito ao preço a ser pago e aos serviços oferecidos. Há variações nas tabelas (algumas controladas pelas saunas, mas dificilmente tabeláveis no Bar) e diferentes formas de pagamento: em dinheiro vivo ou através de presentes, jantares, férias, financiamentos etc. De maneira geral, alguns clientes não gostam de usar a expressão “preço a pagar”. Muitos preferem dizer que se trata de uma ajuda ou de um presente, por exemplo. Alguns garotos de programa também não utilizam costumeiramente a expressão pagamento – para eles o preço é demandado de outra forma: uma ajuda, um presente ou mais corriqueiramente “dar” ou “fazer uma mão”.

André: E ele trabalha, né? Estuda e... E não vou dizer que eu já não dei muito presente pra ele, entende, mas porque eu quero. A única coisa que ele pediu e eu fiquei contrariado, [foi quando] nós fomos para uma pousada e ele disse, neste verão: pai, eu gostaria de ter uma casa aqui pra vir com meus primos, com meus irmãos. E eu aluguei uma casa de três quartos em janeiro e ele não foi. Ele é assim, muito... (André, 67).

Dionísio: O último que eu tive, antes dele, tinha uma namorada, depois noivou, depois casou... eu fui padrinho de casamento dele e dei o quarto pra ele, a geladeira e o fogão. É como dizia Shirley Bassey: *this is my lyfe*. Uma parte dela, claro (Dionísio, 69).

Podemos perceber que das epifanias que implicam o erótico e o amoroso entre um homem mais velho e um garoto de programa, a relação assume às vezes o nome de caso, *affaire*, “romancinho” ou mesmo “casamento” (sem muitas preocupações com o tempo que a relação vai durar), como informam os interlocutores no Bar. Os significados atribuídos ao tempo parecem descolar da temporalidade desejada nas relações amorosas “fora” desta cena. Mas outras negociações nem sempre são flexibilizadas, sobretudo aquelas relacionadas ao que se poderia denominar “performance de gênero”.

No Bar articulam-se pedagogias e representações de gênero e de sexualidade que se aliam aos repertórios românticos, algumas vezes deixando marcas dolorosas. Mas pelo que pude acompanhar, são situações suportáveis até que o próximo caso comece. E isto pode acontecer, às vezes, na mesma noite em que o antigo acabou e durante uma leve tensão que se adianta no relacionamento.

O romance é veiculado e vivido no bar a partir de tempos distintos e exige certa performance do cliente para não misturar as coisas ou criar certa fronteira vigilante para que o amor pelo rapaz não ultrapasse o contrato estabelecido



(previamente informado nas pedagogias do local, seja pelas transformistas, pelos proprietários ou mesmo entre clientes e garotos). Esses romances podem às vezes durar uma noite, três dias, uma semana, um mês, alguns poucos anos, o tempo de uma dublagem; e chegam mesmo a ter explicitamente data de validade anunciada. Alguns clientes e garotos estabelecem relações antigas de fidelidade profissional, envelhecendo juntos.<sup>26</sup>

Noutras situações, quando os códigos da cena ficam embaralhados, o envolvimento dura uma eternidade dolorosa para aquele que não consegue administrar o jogo. E contar essas histórias aos amigos e ao pesquisador parece ser uma forma de garantir certo lugar de distinção nesta cena: afinal, “todas” já tiveram/tivemos casos “babados” a serem comentados. Ser comentado é ocupar um lugar nesta cena. Rir de si pode ser ora a capacidade de suportar alguma dor, ora a possibilidade de marcar uma experiência e minimizar seus efeitos estigmatizantes. Enfim, não parece ser tão ruim levar um golpe (seja ele afetivo ou financeiro), desde que se possa contar essa história para os outros, glamorizando e parodiando a cena.

O “gostoso” para muitos clientes parece ser estar lá e poder “fechar uma cena” – poder protagonizar uma história (seja ela trágica ou dramática); ser o protagonista de um romance não muito ideal, mas que abala os cânones normativos sobre as possibilidades de fazer a vida na fronteira da normalidade em um lugar outro.

Para esses interlocutores, a ideia de fazer um par não corresponde necessariamente a uma conjugalidade real; ela é feita para ser vivida ali, naquele momento. Um dos impeditivos para o cruzamento das fronteiras dessa relação encontra-se, para alguns deles, no marcador de classe social, como podemos observar a partir da experiência de André (67):

André: Jamais, Fernando, senhor da minha idade pode morar com um jovem. Eu escuto música erudita. Ele escuta *funk*, *punk*, sei lá o que é. Eu tenho meus hábitos, eu tô sentado numa poltrona lendo... Ele está agitando. Ele vai estar recebendo telefonema das mulheres, entende? E eu acho que é besteira isso. Com a grande diferença de idade, é besteira. Difícil, eu não tenho visto dar certo.

Sem desconsiderar os riscos presentes nos relatos anteriores, como a violência ou mesmo a desilusão amorosa que produz algum sofrimento (para aqueles

---

<sup>26</sup> Em minha imersão pelo espaço e em função da posição de integrante de ONG, tive a oportunidade de conhecer garotos de programa que atuam há cerca de 15 anos nesses espaços, acompanhando a história e a institucionalização desta prática, as mudanças nos territórios de prostituição (cada vez menos na rua) e os próprios avanços e debates das políticas LGBT.

que têm menos habilidade para lidar com a profusão de significados na zona), essa sociabilidade não pode ser lida como constantemente violenta. Claro que o perigo está sempre rondando a cena. Mas existem outros aspectos dessa sociabilidade que a ressignificam. Este é um lugar de festa e de encontro, sobretudo. E é um lugar marcado por uma estetização da homossexualidade e do amor e desejo pelos rapazes. Dionísio (69 anos) costumeiramente utiliza a expressão “glória do gênero” para traduzir o que se passa ali naquele espaço de extravasar e de “arrasar corações”.

O Bar é o lugar para viver a louca paixão pelos rapazes, para viver como uma ‘louca’. É ainda o espaço do espetáculo e da alegoria de si, dramatização que os senhores clientes exprimem através do amor, dos ciúmes e da inveja. Pela “najação”<sup>27</sup> do outro – desqualificar ou “tombar com a amiga”. E é isto o que ocupa a cena e que conta explicitamente nessa *mise-en-scène de si*.

O perigo parece estar sempre por perto, mas existem o prazer e a festa, os amigos, os espetáculos das transformistas ou, ainda, como demonstra Claudio Ricardo de Freitas Nunes (2009), os gogo-boys, que ocupam particular posição nesta cena ao oferecerem aos garotos de programa a medida de uma bela performance para encantar e seduzir a clientela e manter a masculinidade viril (e indubitavelmente ativa!, no espaço [pistas] da cena pública).

Os clientes fazem por sua vez o seu espetáculo. Eles são parte de uma cena onde são os grandes protagonistas e dispõem de alguma margem de liberdade diante dos jogos de poder que se instauram nesta trama entre corpos, gêneros e prazeres. No bojo desta performance do cliente, uma relação ética se estabelece.

Geraldo (70 anos) apresenta um movimento de cuidado na relação com os rapazes em uma dimensão política que é muito pouco imaginada (do ponto de vista normativo) diante da cena da prostituição. A ética do cliente pode ser lida como esse movimento de ampliação da margem de liberdade. A *mise-en-scène* no lugar permite a aprendizagem a partir de uma relação social “marginal”, na qual se é interpelado constantemente a encarar de forma mais plástica as relações de sociabilidade e as relações sociais.

Essa sociabilidade vai ensinando como reconstruir a si mesmo para além das injúrias e das contínuas desqualificações e formas vexatórias de ser representado no teatro discursivo da heteronormatividade e da homonormatividade. Dionísio nos oferece uma perspectiva diante das dobras subjetivas que um cliente tem de fazer:

---

<sup>27</sup> Derivado da expressão “cobra naja”, daí o neologismo “najação”. O termo pode significar “destruir o outro”, “derrubar”, “tombar”, agir maliciosamente e de forma a pôr o outro/a outra no seu “devido lugar”.

Eu tenho que viver a vida com a cabeça de homem de 100 anos e com comportamento de 25. Que é o que eles querem. Eu não vou dizer para ele: ai, eu estou com dor nos meus rins... ai, eu não posso caminhar, eu tô com tosse... Isso é coisa de velho. De velho que já entregou os pontos. Eu cuido dos meus olhos, dos meus dentes, da minha aparência, da roupa que eu uso. Eu cuido da vida dele, do comportamento dele, da educação dele. Então, eu sou um pai, um amigo, um amante e um irmão ao mesmo tempo. E o que ele é pra mim? Ele é o meu amor. Ele... os meus filhos já estão casados, tenho uma filha que estuda na França, ele é meu filhão, é meu amor, é meu bebezão, é o meu tesão. Ele é tudo pra mim, até o dia em que acabar (Dionísio, 69).

O que parece mais comum no Bar é que o “velho” seja desejado pelos atributos referentes ao *status* social e ao poder aquisitivo. Isto pode ser uma evidência organizadora do espaço e da relação com os “boys”. Mas não seria menos verdadeiro dizer que uma relação entre um garoto de programa e um cliente idoso se estabelece unicamente por isto. Há seguramente muitas outras conjecturas que podem ser feitas a propósito da prostituição masculina, como a amizade<sup>28</sup> e o gosto pelo cliente mais idoso.

Assim como existem homens jovens que preferem idosos como na Sauna-Vídeo (estabelecimento analisado em outra entrada de problematização da pesquisa de doutorado), no Bar, no terreno da prostituição masculina, há também garotos que preferem clientes mais velhos. Cito os testemunhos de André, Cândido e Dionísio em relação a alguns de seus namorados ou casos “garotos de programa”:

Eu me sinto assim, ó, gratificado. Porque tem uma pessoa que sai comigo, não pelo dinheiro. Mas não tenho restrição nenhuma na troca, Fernando, eu vejo um cara, eu paro, e tenho a juventude dele. Entende, é uma troca: eu te dou meu dinheiro, tu me dá a tua juventude. Se eu quero, né? Eu não tenho qualquer preconceito sobre isso. Mas eu, quando o homem é meu, tem que ser meu mesmo. Eu não admito (André, 67).

---

<sup>28</sup> O trabalho de Perlongher (1987) aponta para algumas experiências de garotos que estabelecem relações em que a solidariedade e a amizade abrem outras significações para o trabalho. Sobre as “bichas de retaguarda”, a fala de um dos informantes da pesquisa citada é contundente: “Há dias que o michê não tem sucesso ou está simplesmente cansado ou deprimido, com vontade de ser bem tratado (a vida da gente é muito dura, muito solitária, nada sentimental) e então convém ter alguma bicha amiga que convide para um jantar, onde a gente pode passar a noite, transar de vez em quando [...]” (:176). Recordo muito especialmente um dia em que um michê e amigo abriu o livro de Perlongher, em minha casa, e disse: “olha, acho que a gente é isso aqui”. Este amigo-michê já vive na noite há mais de uma década, tendo iniciado sua carreira aos 15 anos de idade, incorporando ao seu vocabulário e condutas no trabalho muito da linguagem e da cultura do chamado “gueto LGBT”.

Então, eu acredito que o cara de 18 anos goste muito de mim. Ele já fez até cenas de amor, já quebrou celular na parede por minha causa. Então, nós vivemos a vida assim (Dionísio, 69).

O que essa experiência me permite dizer até aqui é que existem, no nível das representações sobre a sociabilidade em torno do corpo do idoso e das possibilidades de negociar o amor tarifado, inúmeras possibilidades de ser re/conhecido.

Os significados produzidos e negociados nesses espaços são quase sempre imprevisíveis e pouco apreensíveis, pois a forma como cada um experimenta essa relação dita “marginal” não pode ser pensada sem se considerar a dinamicidade de como se reinventam os jogos de poder/saber que definem a sexualidade e o gênero.

De forma bastante pragmática, cabe ressaltar que o terreno da prostituição masculina é movediço: pedagogias de gênero e de sexualidade estão constantemente sendo modificadas e redefinidas. Os sujeitos dessas cenas, sobretudo os clientes de mais idade, estão sendo continuamente interpelados a assumir novas posições diante das transformações políticas e culturais: seja porque há cada vez mais uma institucionalização da prostituição, através do lastro de possibilidades de serviços no mercado sexo, seja pelas políticas identitárias que tensionam as condições sociais para o exercício do *métier* como profissão, ou até mesmo por discursos menos moralizantes sobre os clientes da prostituição, seja ainda por condições que dizem respeito a transformações político-culturais que agem em micromovimentos na reorganização e nas negociações do cotidiano do mercado do sexo e das relações socioculturais da prostituição.

Sobre a forma como os clientes veem esses espaços, há também variações. E cada um experimenta/lê esse espaço de maneira singular, como podemos acompanhar através das posições de meus interlocutores:

Sem hipocrisia. Muitas vezes eu vou ali e não vou fazer programa com ninguém, nem tenho intenção de fazer programa com ninguém... Eu vou mais para estar com um grupo de pessoas da minha idade, que também estão sem parceiro e saem na noite para conversar, para passar algumas horas. Ao menos, eu penso: não estou saindo pra fazer sexo. E tem noites que saio, realmente, com um objetivo, porque existe também todo esse fator biológico, não sei se é biológico, psicológico, seja lá o que for, mas... (risos) (Cândido, 63).

Um aspecto importante para a compreensão da experiência dos idosos refere-se ao modo como esses sujeitos, os clientes, leem/concebem seus corpos, sua participação no lugar e suas relações com os garotos. Os ensaios de resposta a estes questionamentos não são decisivos, mas oferecem alternativas de resistência e de invenção. Eu ousaria dizer, pelas muitas conversas que tive, pelos muitos encon-

tros vivos, que eles não têm muitas preocupações com o que se pensa sobre eles quanto ao envelhecimento e à prostituição. Muitos deles envelheceram nesta cena. Entraram adultos jovens nesses espaços, provavelmente aos 35, 40 anos de idade. Portanto, o estigma da prostituição como um destino para o velho cai por terra. O que esses sujeitos fazem é continuar o que sempre fizeram enquanto homens jovens. Por este motivo, eu acredito que muitos deles, ao negarem a velhice, não estão negando o envelhecer, mas talvez estejam contestando os significados desqualificantes que cercam o envelhecimento:

[...] pra mim, assim, o que eu penso... eu não me reconheço como velho. Se eu passo pelo espelho, eu não me identifico com quem eu tô vendo. Eu acho que para a maioria das pessoas, quando fica idosa, é estranho alguém chamar de idoso. Porque a pessoa não se sente assim. Ela não se vê assim. Ela não tá, não tá assim, projetando uma imagem de jovem, não. Mas a mente é jovem. A mente não, não entrou no processo de envelhecimento como o corpo entra. Ela não entra (André, 67).

Porque hoje funciona diferente comigo a relação, a transa. Ela é diferente. Porque hoje, quando eu estou com um menino, mesmo, né, um menino de programa, numa cama... Como ontem eu tive experiência: quando cheguei, eu peguei e disse isso pra ele: eu não quero nada rápido. Eu quero sentir, eu quero presença, eu quero... Já que é tão agradável conversar contigo aqui, que seja agradável lá também na privacidade (Cândido, 63).

[...] não ter o reconhecimento, isso é muito triste. É doloroso. Cada vez que eu faço um show para o povo hetero, eles me aplaudem de pé, eu venho às lágrimas. Cada vez que eu me lembro de que eu, não somente eu, mas todos os artistas gays da minha época estão chaveados no armário, eu tenho vontade de morrer (Dionísio, 69).

Essas narrativas dizem algo de um jogo incessante do vir a ser no entre-mundos: na oposição de universos particulares onde se experimenta viver sempre negociando algo. Onde se desmonta a si mesmo. Ora se é o avô, ora o pai, ora o/a amante, ora o “paizinho do boy” (Dionísio, 69), ora homem na zona, ora “uma coroa” (André, 67), ora “velho” (Cândido, 63), ora jovem, ora “gay” (Teobaldo, 54), ora “bicha” (Dionísio, 69), ora um “grande manipulador” (André, 67), ora apenas o nome que leva, e ora qualquer outra coisa no swing dessas performances. Eles se veem remontando a si mesmos continuamente. E isso me faz acreditar em certo movimento de ascense, pois esses homens estão produzindo uma forma para si diante de determinados códigos morais e sempre em relação com o outro, fazendo-se na relação com o outro: a família, o amante, o companheiro de bar e, às vezes, diante de um pesquisador.

Ao esvaziar as significações em torno da interpelação injuriosa “bicha velha” – esta forma socialmente instituída no imaginário popular homossexual e LGBT, com o sentido de desqualificar os traços marcados na pele, os passos lentos, os gestos miúdos que insistem em acompanhar o desejo – esses sujeitos contradizem o destino culturalmente inventado da economia do prazer. E esta experiência pode indicar-nos pistas para uma virada de jogo diante das representações forjadas em nome do gênero e das possibilidades restritivas de experimentação da sexualidade (uso dos prazeres). Significa dizer, nos termos de Cândido (63): “[...] parar de tratar o velho, o que eu digo com 62 anos, 63 anos, 73 anos, parar de tratar como um ET ou um peixe que já passou por esse rio e que não lhe pertence mais”.

##### **5. “Pouco me importa se tu me amas. Dane-se o mundo”:<sup>29</sup> Por uma noite apenas. E fim de caso. Notas para concluir**

Tendo em vista essas reflexões, persisto no esforço de uma análise crítica sobre os discursos que nos produzem como sujeitos inteligíveis socialmente, e mantenho a atenção nos clamores da normalidade no seio da própria “vida LGBT” (imaginada desde sempre como algo libertário e contestatório, o que aqui podemos dizer tratar-se de um mito normativo). Para além das arriscadas (talvez até romanceadas) ideias de subversão presentes no contexto da pesquisa, sublinho que as paródias de gênero e do amor romântico guardam ainda uma imagem produtiva do escândalo e da provocação, mas especialmente para aqueles que permanecem fixados às representações canônicas do corpo, este colado ao gênero e à sexualidade. Ousaria ainda dizer que as representações do amor romântico e as crenças que ele inspira perduram enquanto ele permanecer preso a uma preciosidade sentimental e melódica que visa conservar perenes as hetero e as homonormas, tentáculos da heterossexualidade obrigatória. Seguindo uma reflexão de Gayle Rubin (1998 [1975]) a propósito de as mulheres não serem unicamente “oprimidas enquanto mulheres” (:59) diante de nossas sociedades sexistas, mas que o seriam pelo fato de que devem tornar-se mulheres, anexo a ideia de que o mesmo ocorreria com os homens que devem tornar-se “homens de verdade”<sup>30</sup> – igualmente pela idade que têm.

Embora eu não tenha encontrado potencialidades contundentes na desestabi-

---

<sup>29</sup> Extrato da canção “L’Hymne à l’amour”, interpretada por Edith Piaf.

<sup>30</sup> Rubin propõe que o “ideal” seria pensarmos em uma sociedade andrógina e sem gênero (mas não sem sexo), na qual a anatomia sexual não tivesse nada a ver com aquilo que somos, com aquilo que fazemos, nem com quem nós “transamos”/ nos relacionamos “sexualmente”.

lização do gênero, mesmo diante das desobedientes formas de experimentação da sexualidade que tive a oportunidade de acompanhar durante o período de 2007 a 2010, envolvido em trabalho de campo, as imagens das “fechões” (as performances dos sujeitos, a perform/ação de um discurso) me ofereceram possibilidades de aprofundar a reflexão sobre o teatro da heterossexualidade compulsória e os *pocket shows* cotidianos das hetero e das homonormas.

Considerando a velhice como dispositivo importante no jogo das aparências e nas formas de performativizar o gênero, persegui, então, a questão/ou a problemática sobre uma erótica no envelhecimento, isto é, como determinados sujeitos, a partir de determinadas condições de possibilidade, produzem perfurações nas representações que os produzem/exibem/projetam como vidas “abjetas” (Butler, 2000 [1993], 2004b, 2005c). Destas perfurações ou rasgos discursivos, materializados em práticas, acolhi a ideia de que não podemos pensar em identidades sexuais ou identidades de gênero fora de uma norma, uma vez que elas são em si mesmas a marca indelével de um dispositivo. Mas, por outro lado, perguntei-me se não se poderia dizer que não se instauram à revelia de qualquer pragmática ou programa político movimentos de contestação e de ruptura nos jogos da abjeção.

Dessa forma, ponderando sobre as possibilidades e os limites da pesquisa, arrisco dizer que uma das formas possíveis de contestação à norma que estabelece a heterossexualidade como referente de inteligibilidade incontestável é feita em micromovimentos. Os sujeitos dizem algo sobre si em gestos, narrativas e na organização/autoestetização e cenarização dos espaços onde se inserem, articulando e negociando as representações produzidas em jogos performativos. A experiência de Cândido, a quem dedico este trabalho *in memoriam*, parece trazer um pouco desta (re)invenção de si nas tramas do sexo tarifado, fechando-abrindo as apostas e as hipóteses deste estudo como uma fotografia de um espaço-tempo de prazer, dores, alegrias e amizade: “Eu saí outro dia com um guri e ele disse: deixa eu te olhar, eu gosto de te olhar. Eu gosto de estar na cama com pessoas mais velhas” (Cândido, 63).

Recebido: 06/06/2011

Aceito para publicação: 16/04/2012

## Referências bibliográficas

- BARTHES, Roland. 2006. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva.
- BILGE, Sirma. 2009. “Théorisations féministes de l’intersectionnalité”. *Diogène*. Janvier-mars 2009. N° 225.
- BOURDIEU, Pierre. 2005 [1984]. “La ‘jeunesse’ n’est qu’un mot”. Entretien avec Anne-Marie Métaillé, paru dans *Les jeunes et le premier emploi*. Association des Ages, Paris, 1978. p. 520-530. Repris in *Questions de sociologie*, Éditions de Minuit, 1984. p. 143-154. Disponível em: [www.hommemoderne.org/societe/bourdieu/questions/jeunesse.html](http://www.hommemoderne.org/societe/bourdieu/questions/jeunesse.html). Acessado em 12/12/2005.
- BUTLER, Judith. 2004b [1997]. *Politique du performatif*. Paris: Éditions Amsterdam.
- BUTLER, Judith. 2004a. *Humain, inhumain. Le travail critique des normes*. Entretiens. Paris: Éditions Amsterdam.
- BUTLER, Judith. 2005b [1990]. *Trouble dans le genre. Pour un féminisme de la subversion*. Paris: La Découverte.
- BUTLER, Judith. 2005c [1993]. *Cuerpos que importan. Sobre los límites materiales y discursivos del sexo*. Buenos Aires/Barcelona/México: Paidós.
- BUTLER, Judith. 2006 [2004]. *Défaire le genre*. Paris: Éditions Amsterdam.
- CAIAFA, Janice. 2007. *Aventura das cidades. Ensaios e etnografias*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- CHAUMIER, Serge. 1999. *La déliaison amoureuse. De la fusion romantique au désir d’indépendance*. Paris: Armand Colin.
- COHEN, Jeffrey Jerome. 2000. “A cultura dos monstros: sete teses”. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org). *Pedagogia dos monstros. Os prazeres e os perigos da confusão das fronteiras*. BH: Autêntica.
- DUGGAN, Lisa. 2003. *The Twilight of Equality?: Neoliberalism, Cultural Politics, and the Attack On Democracy*. Boston: Beacon Press.
- ERIBON, Didier. 1999. *Réflexions sur la question gay*. Paris: Fayard.
- ERIBON, Didier. 2003. “Entrée ‘Âge’”. In : ERIBON, Didier et al. (org.). *Dictionnaire des cultures gays et lesbiennes*. Paris: Larousse.
- FOUCAULT, Michel. 2006 [1976]. *Defender la sociedad*. Buenos Aires: FCE.
- FOUCAULT, Michel. 2001 [1981]. “De l’amitié comme mode de vie”. In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits II, 1976-1988*. Paris: Gallimard.
- FOUCAULT, Michel. 2001 [1984]. “Michel Foucault, une interview: sexe, pouvoir et la politique de l’indépendance”. In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits II, 1976-1988*. Paris: Gallimard.
- FREIRE-COSTA Jurandir. 1998. *Sem fraude nem favor. Estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.
- GEERTZ, Clifford. 1997. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*.



2ª ed. Petrópolis: Vozes.

- HALPERIN, David. 2000. *Saint Foucault*. Paris: EPEL.
- LOURO, Guacira Lopes. 2000. "Pedagogias da sexualidade". In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- MAFFESOLI, Michel. 2010 [1981]. *L'ombre de Dionysos. Contribution a une sociologie de l'orgie*. Paris: CNRS Editions.
- MENDES-LEITE, Rommel. 1992. "Participation observante". *Le Journal du Sida*. Outubro-novembre, 1992. Paris, Arcat Sida. N° 43-44.
- MENDES-LEITE, Rommel. 2003. "Sens et contexte dans les recherches sur les (homo) sexualités et le sida: réflexions sur le sexe anal". In: BROQUA, Christophe *et al.* *Homosexualités au temps du sida. Tensions sociales et identitaires*. Collection Sciences Sociales et Sida. Paris: ANRS et CRIPS.
- OGIEN, Ruwein. 2010. *Le corps et l'argent*. Paris: La Musardine.
- PERLONGHER, Néstor. 1987. *O negócio do Michê. A prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense.
- POCAHY, Fernando Altair & NARDI, Henrique Caetano. 2007. "Saindo do armário e entrando em cena: juventudes, sexualidades e vulnerabilidade social". *Revista Estudos Feministas* [online]. Vol. 15, n° 1, p. 45-66.
- PRECIADO, Beatriz. 2009. *Pornotopía. Arquitectura y sexualidad en "Playboy" durante la guerra fría*. Barcelona: Anagrama.
- RABINOW, Paul. 1999. *Antropologia da razão*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- RUBIN, Gayle. 1998 [1975]. "L'économie politique du sexe. Transactions sur les femmes et systèmes de sexe/genre". *Cahier d'études féministes - CEDREF n° 7*. Paris: CEDREF/ Université Paris 7.
- SEDGDWICK, Eve Kosofsky. 2008 [1990]. *Epistémologie du placard*. Paris: Amsterdam.
- SILVA, Tomaz Tadeu. 2007. "A produção social da identidade e da diferença". In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Vozes.
- SIMÕES, Julio de Assis. 2004. "Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais". In: CARRARA, Sérgio *et al.* (org.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond.
- TERTO Jr, Veriano. 1989. *No escurinho do cinema. Socialidade orgiástica nas tardes cariocas*. Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro, PUC-RJ.
- VIGARELLO, Georges. 2006. *História da beleza. O corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Ediouro.